

# “Estados Unidos não querem ser considerados os maus da fita”

PATRÍCIA JESUS

**D**epois da dificuldade de chegar a acordo sobre o combate às alterações climáticas na Cimeira de Copenhaga, considerada por muitos uma desluzão, como era o ambiente à chegada a Cancún?

Estava muito apreensiva, mas assim que cheguei percebi que o espírito estava muito melhor do que em Copenhaga. Houve uma maior abertura e acho que isso se deve à presença mexicana e à forma como esta organizou a cimeira. Havia pequenos grupos, coordenados por ministros, que depois reportavam as conclusões a todos. Assim, estavam todos por dentro do que se passava, mas nos grupos mais pequenos conseguiram-se tomar decisões importantes. Uma maneira de trabalhar muito eficiente.

**Há países que costumam ser vistos como obstáculos quando se trata de avançar no combate às alterações climáticas, nomeadamente os EUA e a China. Como foi desta vez?**

Há três blocos com muito peso: a Europa, os EUA e a China. A posição da Europa é conhecida por todos porque tem de ser aprovada pelo Parlamento Europeu. Logo não há novidades. Ficamos por isso sempre à espera de saber o que EUA e China vão dizer. Depois há pequenos incidentes. Nesta cimeira, todos os dias a Bolívia se opunha a algo. Foi, aliás, o único país que não aprovou a maneira de trabalhar decidida pela presidência mexicana, mas estavam completamente isolados. A Rússia tem um comportamento que não se percebe: tinha posições que não eram



GRÇA CARVALHO

*Membro da delegação do Parlamento Europeu presente na Cimeira de Cancún*

“

*Estava muito apreensiva, mas assim que cheguei percebi que o espírito estava muito melhor do que em Copenhaga. Houve uma maior abertura”*

muito consistentes e até contraditórias nos diferentes *dossiers*. Mas no geral houve um espírito de grande colaboração.

**E China e Estados Unidos?**

Notei uma grande mudança em ambos. Os EUA não têm condições para aprovar legislação contra as alterações climáticas em casa, devido à oposição interna, mas tiveram uma grande preocupação: não querem ser considerados os maus da fita. A China também teve uma abertura muito maior: diz que está a fazer uma grande esforço, mas em Copenhaga recusou que as medidas domésticas fossem verificadas por outros países. Desta vez mostrou maior abertura para monitorização. E os EUA diziam que não avançavam sem isso. Por outro lado, estavam a bloquear o pacote de transferência de tecnologia porque sabiam que isso era fundamental para a China.

**Notou-se novamente a oposição entre países industrializados e países em desenvolvimento?**

Copenhaga foi uma das COP (Conferências das Nações Unidas sobre o Clima) mais tensas em que já estive. Criaram-se grupos fechados que não envolviam todas as partes e isso criou uma grande desconfiança entre todos. Desta vez, o facto de se ter conseguido avançar nos temas que interessam mais aos países em desenvolvimento, como a transferência de tecnologia e o Fundo do Clima, para ajudar os países menos desenvolvidos nos esforços de preservação do ambiente, ajudou muito. Mas a organização eficiente da presidência mexicana também.

(Mais notícias na página 37)

UM PONTO É TUDO



FERRREIRA FERNANDES  
Jornalista

## Segredos da tanga

**H**á 15 dias, eu dizia aqui o óbvio sobre o segredo na diplomacia: “Felizmente, para a paz no mundo, há informações cujo sigilo só se vende a dezenas de anos depois...”

Ontem, o Daily Beast, *site* de notícias na Internet, publicava um artigo do historiador britânico Andrew Roberts dizendo que a Wikileaks não foi a primeira a vazar segredos diplomáticos. Roberts lembrava que a linguagem diplomática, confiante no segredo, não era tão diplomática assim: “O czar é estúpido”, escreveu o ministro dos Negócios de Estrangeiros britânico Lord Salisbury, em 1885, para o seu embaixador em Viena. A carta só se tornou pública décadas depois, quando o sigilo caiu, e ninguém perdeu pela demora. Dito isto, Roberts contou que, em 1878, no Congresso de Berlim, o jornal *The Globe* publicou um acordo entre a Grã-Bretanha e a Rússia sobre o assunto que se discutia, os Balcãs. Um funcionário inglês vendia o documento ao jornal por 40 libras. Apartadamente, a fuga de informações iria desmotivar o congresso, já que duas potências tinham tudo decidido antes... Na verdade, a cache do jornal acabou por não ter grande impacto e os congressistas prosseguiram os debates. Ora, esse Congresso de Berlim de 1878 ficou marcado na História como o momento em que a Grã-Bretanha pôs traço aos interesses russos nos Balcãs – o tratado do que a Wikileaks de então sugerira. E, há coisas que não são para amadores.